

O ATELIÊ COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO: A PRÁTICA RELACIONAL NA JOALHERIA CONTEMPORÂNEA

Palavras-chave: joia contemporânea, prática relacional, mediação, processo artesanal.

Mariane Santos de Medeiros; UFPE; Natal, Rio Grande do Norte, Brasil;
mariane.medeiros@ufpe.br;

Ana Neuza Botelho Videla; UFCA; Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil;
ananeuza.videla@ufpe.br

1. Recozimento de saberes

No contexto atual, marcado por crises ecológicas e sociais, torna-se cada vez mais necessário cultivar um pensamento que questiona os modos de vida hegemônicos. A lógica consumista que sustentou o projeto de modernidade convoca-nos a imaginar outras possibilidades de existência, em que a humanidade se reconheça como parte dos sistemas vivos que compõem o planeta.

Segundo Mercaldi e Moura (2017), a joalheria contemporânea entende suas produções como manifestações das potencialidades de expressão e criação, nas quais podem coexistir materiais considerados nobres ou não nobres. A criação, nesse caso, está centrada na intenção dos autores e no próprio processo criativo. Trata-se, portanto, de uma prática que ressignifica elementos que tradicionalmente definem a joalheria, como valor material, conceitos de luxo, materiais e técnicas empregados, formas adotadas, bem como responsabilidades éticas e ecológicas envolvidas. Essa perspectiva, especialmente quando inserida em um contexto mercadológico, confere uma interessante expressão aos seus criadores ao diluir as fronteiras entre mente e produção, humano e natureza, arte e design.

Para além de sua dimensão estética, a joia, enquanto índice, pode ser compreendida como mediadora das relações sociais, carregando intenções de seus

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

criadores e do próprio objeto, conforme a teoria do antropólogo Alfred Gell (2018). Proponho, portanto, que as joias contemporâneas se configuram como obras de arte compostas por múltiplas agências de atores diversos, que dependem tanto da proposta inicial quanto das relações entre humanos e não humanos estabelecidas no ateliê.

O índice, compreendido aqui como a obra de arte, para Gell (2018), indicia as intenções dessa rede de agências e age sobre quem recebe os seus efeitos com uma atmosfera mágica de encantamento, que o autor denomina Tecnologia do Encanto. Essas relações de agências e encantamento tornam-se ainda mais complexas quando compreendemos o fazer artístico do ourives e joalheiro contemporâneo. A tecnologia do encanto invade o cosmos do ateliê, que se torna também agente na criação das joias.

A prática híbrida de artista, designer e ourives na joalheria contemporânea local se configura como um conjunto complexo de saberes não-hegemônicos e modos de fazer situados, em consonância com a discussão dos saberes localizados de Donna Haraway (2009). A autora contrapõe a ciência hegemônica, hierárquica e masculinista a uma ciência feminista que valoriza perspectivas parciais, situadas e encarnadas, desafiando a noção de um conhecimento universal e neutro.

Nessa via, Haraway (2009) propõe a valorização de saberes situados, ou seja, uma abertura ao conhecimento de perspectivas localizadas dentro da sociedade, contemplando suas particularidades. Influenciada por Latour e pelo pós-humanismo, Haraway (2009) argumenta que o conhecimento surge de interações entre humanos e não humanos, incluindo tecnologias, materiais e ecossistemas.

Neste sentido, entende-se o problema de pesquisa desta investigação: como a prática do ourives-artista na joalheria contemporânea resiste ao modelo hegemônico de luxo, exclusividade e impessoalidade, ao mesmo tempo em que mobiliza o “encantamento da técnica” para fomentar vínculos sociais e simbólicos entre artistas, clientes, materiais e objetos?

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

A relevância desta pesquisa encontra-se na possibilidade de compreender como a ourivesaria artesanal, no campo da joalheria contemporânea, incorpora pensamento crítico e conhecimento prático construído e reinventado a partir dos diálogos, memórias e relações com o próprio processo criativo no ateliê. Assim, a contribuição esperada do estudo é o entendimento de que a partilha desta experiência situada dá visibilidade a um fazer artístico que valoriza saberes, memórias, materiais e técnicas, propondo a joia como mediadora de vínculos sociais e simbólicos e como espaço de resistência às lógicas hegemônicas.

Iluminada pelo fogo da joalheria contemporânea, o objetivo geral desta investigação é analisar o ateliê de joias como espaço relacional em que múltiplas agências participam do processo criativo. Os objetivos específicos incluem compreender de que forma o fazer joalheiro contemporâneo constitui uma prática contra hegemônica em relação ao modelo tradicional da joia, analisar o papel da técnica e do processo artesanal enquanto agentes de encantamento, e refletir sobre como esses elementos se conectam à criação de vínculos sociais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adotada será qualitativa, de teor prático e autobiográfico, ancorada na minha atuação como ourives-artista situada em Natal, capital potiguar no Nordeste brasileiro. As criações no ateliê emergem de experiências pessoais e contextos específicos, marcados pela interação contínua entre espaço, frequentadores, materiais e ferramentas. O processo de criação será documentado por meio de fotografias que evidenciem técnicas, processos e interações, compondo um registro visual que sustenta a reflexão analítica.

O embasamento teórico mobiliza as propostas de Alfred Gell (2018) sobre arte, agência e tecnologia do encanto, articuladas aos saberes situados de Donna Haraway (2009) e à Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012), permitindo analisar as interações entre atores humanos e não humanos e valorizar experiências situadas e modos de conhecimento construídos a partir das margens.

2. Ligas Teóricas

Me recordo do primeiro contato com um ateliê de joias contemporâneas. Diante de ferramentas, materiais, texturas e sons, experimentei o encantamento com a arte da ourivesaria. Uma joalheira, mulher entusiasmada em seu espaço, apresentava aquelas máquinas engenhosas capazes de produzir artefatos delicados. Tudo naquele espaço parecia mágico e encantador.

Esta percepção é apresentada na antropologia da arte por Alfred Gell (2005) no ensaio “A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia”. Para o autor,

O encanto da tecnologia é o poder que os processos técnicos têm de lançar uma fascinação sobre nós, de modo que vemos o mundo real de forma encantada. A arte, como uma classe diferente de atividade técnica, apenas leva além, por meio de uma espécie de envolvimento, o encanto que é imanente a todas as classes de atividades técnicas. (Gell, 2005, p. 45-46).

Ao longo dos anos em que desenvolvo a atividade híbrida de artista, designer e ourives de joias contemporâneas, recebo clientes e conhecidos em meu ateliê para entrarem em contato com a fascinante arte da ourivesaria. No ateliê de joias, o encantamento é o elemento central, e múltiplas relações são estabelecidas entre seus atores, como o artista, os apreciadores, os materiais, as ferramentas e a própria obra. Há um tipo de troca que se estabelece entre corpos e materiais, em que cada elemento atua e reage, compondo um espaço vivo.

Para aprofundar essa análise, recorre-se à Teoria do Ator-Rede de Bruno Latour (2012), que dissolve as fronteiras modernas entre sociedade e natureza. A teoria defende uma simetria radical, onde a capacidade de agir, a agência, não pertence aos humanos, mas é distribuída através das conexões entre uma vasta gama de *actantes* humanos e não-humanos. O ateliê de um artista materializa essa rede: o metal que resiste à conformação, as ferramentas que permitem certos gestos e impedem outros, a obra que afeta os clientes e o próprio espaço físico que organiza o fluxo criativo são todos *actantes*. Eles não são

meros objetos passivos à espera de uma intenção humana; eles agem, reagem e negociam, tornando o ateliê um coletivo híbrido e um agente fundamental na criação.

3. Fecho de Contato

A partir do desejo da ativação do meu lugar de origem, busquei memórias afetivas ao abrir a gaveta de retalhos de materiais considerados menos nobres. A ideia de criar um cajuzinho nasceu na atenção aos materiais. Um formato orgânico me remeteu à castanha desta fruta protagonista de um dos cartões-postais da minha cidade. Os retalhos de latão e sua cor tropical me despertaram para fazer um pingente em prata com a castanha neste metal amarelo escasso no ateliê. A quantidade de material, somada à estratégia de produzir uma joia (imagem 1) que atendesse um maior número de pessoas foi decisiva para definir o tamanho reduzido do caju.



Imagem 1. Processo criativo do pingente Caju

Fonte: Fotografias de Lorrana Torres.

Este momento envolve experimentar a diferença do calor nos metais, aprender com o erro e praticar a espera. Aos amigos que frequentam o espaço, doei os cajuzinhos experimentais, despertando interesse naquela pequena obra. Despretensiosamente, essas formas orgânicas unidas por camadas foram recriadas várias vezes para caminharem com os clientes que circulam no ateliê. O encantamento com esta joia é imediato.



**V COLÓQUIO DE
PESQUISA EM
DESIGN E ARTES**
5, 6 e 7 de novembro 2025

Dos clientes, ouvi múltiplos relatos, como o fascínio pelas formas e cores, o interesse na produção manual deste artefato delicado, as memórias de infância despertadas, os presentes enviados a familiares distantes e os pedidos de namoro feitos com o pingente no lugar do tradicional anel. Em vista destas narrativas, e das proposições de Gell (2018) e Latour (2012) sobre atores humanos e não-humanos como participantes ativos das redes sociais que ajudam a construir, percebe-se que a joia e o ateliê se apresentam como mediadores de relações sociais neste universo estudado.

Esse lugar de escuta também age sobre mim. Os afetos com o meu próprio caju se transformam a cada história ouvida, e como ourives, as pequenas mudanças no modelo são fruto dessa prática relacional. Logo, diante do exposto entre práticas e referenciais, concluo que o papel do ourives, na joalheria contemporânea, se expande: além de quem domina a técnica, mas quem escuta, interpreta, acolhe e devolve nesta rede de agências no cosmos do ateliê.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

GELL, A. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. **Concinnitas** – Revista do Instituto de Artes da UERJ, Rio de Janeiro, ano 6, v. 2, n. 8, p. 40-63, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/55318> . Acesso em: 31 jul. 2025.

_____. **Arte e agência**: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu, 2018.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 26 set. 2025.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator rede. Salvador: Edufba, 2012.

MERCALDI, M. A.; MOURA, M. Definições da joia contemporânea. **ModaPalavra**: e-periódico, Santa Catarina, n. 19, p. 53-67, jan-jun. 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514054176005>. Acesso em: 31 jul. 2025.